

## EXPERIÊNCIA, AUTORRECUPERAÇÃO, ESCRIVIVÊNCIAS E COLETIVIDADE: A PRÁXIS DAS PEDAGOGIAS FEMINISTAS NA ARTE E TECNOLOGIA

*Venise Paschoal de Melo<sup>1</sup>*

**Resumo:** Inserido no âmbito das reflexões sobre arte e tecnologia como mediação social, este artigo propõe a observação da arte contemporânea enquanto espaço privilegiado para a formação social, quando fundamentada nos Estudos de Gênero e Feminismos e na perspectiva crítica de CTS - Ciência, Tecnologia e Sociedade. Com o objetivo de construir saberes compartilhados para o desenvolvimento de pensamento crítico, apresenta-se uma proposição sobre a experiência, a escrevivência, a autorrecuperação e a coletividade, conceitos presentes, respectivamente, nas obras de Cecília Sardenberg (2007), bell hooks (2019), Conceição Evaristo (2017), e Julieta Paredes (2020), articulados à práxis das pedagogias feministas como metodologias transformadoras em artes visuais. Neste viés, o estudo apresenta as produções desenvolvidas pela Coletiva Terra Femini, grupo de pesquisa que atua na produção artística mediada por tecnologias, especialmente na linguagem da videoperformance, visando apontar como tais ações, quando fundamentadas na educação como prática da liberdade, podem estimular processos de transformação, resistência e re-existência.

**Palavras-chave:** Arte e Tecnologia; Pedagogias Feministas; videoperformance; coletividade; mediação social.

## EXPERIENCE, SELF-RECOVERY, *ESCRIVIVÊNCIAS*, AND COLLECTIVITY: THE PRAXIS OF FEMINIST PEDAGOGIES IN ART AND TECHNOLOGY

**Abstract:** Situated within the framework of reflections on art and technology as social mediation, this article proposes observing contemporary art as a privileged space for social formation when grounded in Gender and Feminism Studies and the critical perspective of Science, Technology and Society. Aiming to build shared knowledge for the development of critical thinking, it presents a proposition based on experience, escrevivência [writing-life], self-recovery, and collectivity. These concepts are present, respectively, in the works of Cecília Sardenberg (2007), bell hooks (2019), Conceição Evaristo (2017), and Julieta Paredes (2020), and are articulated with the praxis of feminist pedagogies as transformative methodologies in visual arts. From this perspective, the study presents the productions developed by the Coletiva Terra Femini, a research group that works in artistic production mediated by technologies, especially in the language of videoperformance, aiming to point out how such actions, when grounded in education as a practice of freedom, can stimulate processes of transformation, resistance, and re-existence.

---

<sup>1</sup> Doutora em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), docente da Faculdade de Artes Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Arte, Tecnologia e Sociedade - Coletiva Terra Femini (CNPq/UFMS). <https://lattes.cnpq.br/8298296522722370>. <https://orcid.org/0000-0002-5223-4445> email: [venise.melo@ufms.br](mailto:venise.melo@ufms.br).

**Keywords:** Art and Technology; Feminist Pedagogies; videoperformance; collectivity; social mediation.

## **EXPERIENCIA, AUTORRECUPERACIÓN, *ESCREVIVÊNCIAS* Y COLECTIVIDAD: LA PRAXIS DE LAS PEDAGOGÍAS FEMINISTAS EN EL ARTE Y LA TECNOLOGÍA**

**Resumen:** Inscrito en el ámbito de las reflexiones sobre arte y tecnología como mediación social, este artículo propone observar el arte contemporáneo como un espacio privilegiado para la formación social cuando está fundamentado en los Estudios de Género y Feminismos y en la perspectiva crítica de CTS - Ciencia, Tecnología y Sociedad. Con el objetivo de construir saberes compartidos para el desarrollo del pensamiento crítico, se presenta una proposición sobre la experiencia, la *escrevivência*, la autorrecuperación y la colectividad, conceptos presentes, respectivamente, en las obras de Cecília Sardenberg (2007), bell hooks (2019), Conceição Evaristo (2017) y Julieta Paredes (2020), articulados con la praxis de las pedagogías feministas como metodologías transformadoras en artes visuales. En esta línea, el estudio presenta las producciones desarrolladas por la Coletiva Terra Femini, grupo de investigación que actúa en la producción artística mediada por tecnologías, especialmente en el lenguaje de la videoperformance, con el fin de señalar cómo tales acciones, cuando se fundamentan en la educación como práctica de la libertad, pueden estimular procesos de transformación, resistencia y re-existencia.

**Palabras Clave:** Arte y Tecnología; Pedagogías Feministas; videoperformance; colectividad; mediación social

### **Introdução**

A proposta deste artigo visa refletir a respeito das possibilidades de aplicação da práxis das pedagogias feministas nas artes visuais, quando direcionadas para a produção de arte mediadas pelas tecnologias contemporâneas. No entendimento das escritas audiovisuais, que colaboram na produção de outras formas de olhar, pensar e ressignificar os corpos, constantemente assujeitados pelas formas de opressão do sistema patriarcal, busca-se afirmar a linguagem da videoperformance como espaço de luta e resistência. Por meio da efetivação da potência criativa presente nas relações entre corpo e vídeo, arte e vida, é apresentado embasamento teórico para a elaboração metodológica para o desenvolvimento de produção coletiva das proposições artísticas da Coletiva Terra Femini.

Neste cenário, a argumentação deste artigo se estabelece na reflexão e no entendimento das práticas educativas, denominadas aqui como pedagogias feministas, estabelecidas por meio das relações interdisciplinares entre os Estudos de Gênero e Feminismos e os estudos da Arte e Tecnologia, pautados na teoria crítica de CTS - Ciência, Tecnologia e Sociedade. Incorpora-se à discussão a práxis feminista em um sentido pedagógico, colaborando com a sistematização de metodologias para as artes visuais, articuladas aos conceitos de experiência, *escrevivência*, autorrecuperação, propostos, respectivamente, por Cecília Sardenberg (2007), bell hooks (2019) e Conceição Evaristo (2017). Objetiva-se ampliar a compreensão da arte como mediação social e, a partir desse ponto de vista, firmar metodologias transformadoras em artes visuais pautadas para apropriação e reconfiguração dos corpos como um ato político, que, por meio da afirmação de si, possibilita a ressignificação e a reconstrução das identidades individuais e coletivas.

Essas ações sistematizadas a partir de conceitos elaborados pelas autoras feministas, fundamentam metodologias baseadas na importância da autobiografia expandida para a coletividade, valorizando experiências e vivências cotidianas e validando formas de pensamento e ação que não dissociam,

não excluem, não silenciam ou apagam os acontecimentos da vida real. Outro aspecto crucial nesta trajetória é a valorização da coletividade, da partilha e do acolhimento, presentes no pensamento anticolonial de Silvia Rivera Cusicanqui (2021) e Julieta Paredes (2020).

Neste sentido, a arte é aqui entendida como espaço potencial para a formação social, na construção de conhecimento compartilhado e para o desenvolvimento de pensamento crítico. Na concepção de mediações proposta pelos Estudos Culturais, especialmente por Raymond Williams (1979), compreendemos que somos simultaneamente produzidos e produtores de sociedade. Nessa perspectiva, a desconstrução do patriarcado, bem como a reconstrução de outros mundos possíveis por meio da arte, podem emergir da conscientização daqueles que são oprimidos por esse sistema de violências.

É a partir desse quadro referencial que este artigo apresenta o processo de atuação da Coletiva Terra Femini, nome adotado pelo Grupo de Pesquisa Arte, Tecnologia e Feminismo - CNPq-UFMS, que tem como principal objetivo o estudo teórico-prático das intersecções entre a arte contemporânea e as tecnologias digitais, com especial atenção à videoperformance, orientando seu olhar para uma crítica social fundamentada.

### **Arte como mediação social: perspectivas feministas e decoloniais**

O fundamento teórico desta pesquisa ancora-se nos conceitos de mediação elaborados pelo teórico dos Estudos Culturais Raymond Williams (1979), que a compreende não como um simples “meio”, projeção ou interpretação, mas como um fenômeno dialético entre sociedade e sujeitos: uma articulação ativa e elemento constitutivo da própria realidade.

A produção de objetos culturais e artísticos configura-se como forma de experiência social, e Williams (1979) demonstra que a cultura não deve ser entendida apenas como reflexo ou expressividade da realidade, e sim, como um processo significativo de mediação social. A sociedade flui por meio da linguagem, da arte e da cultura, que evocam e pressupõem reações ativas de renovação constante das experiências. Cada nova forma e meio de produção gera uma dinâmica socialmente construída que, por sua vez, produz novos significados e valores sobre a realidade.

Nestes termos, a arte opera como mediação da realidade social: é simultaneamente produto e produtora da sociedade. Como elemento constitutivo da prática social material, a arte é mediação social por pertencer a um espaço dialético, sendo produção e reprodução da vida real. Os artistas, nessa perspectiva, constituem-se como sujeitos-agentes que atuam diretamente sobre o tecido social. A partir deste cenário, esta pesquisa se propõe a articular metodologias pautadas na práxis das pedagogias feministas ao compreender a arte como linguagem potencial para a formação social, nas possibilidades de construção de novas narrativas e processos criativos.

### **Pedagogias feministas como práxis para as Artes Visuais**

As produções, de caráter teórico-práticas, da Coletiva Terra Femini vem sendo elaboradas mediante experimentações e sistematizações de metodologias para o desenvolvimento dos processos criativos, partindo da fundamental compreensão de conceitos pautados nos Estudos de Gênero e Feminismos. Até o presente momento, tais produções se pautam nos estudos da práxis das pedagogias feministas fundamentadas na experiência (Sardenberg, 2007), no conceito de autorrecuperação (hooks, 2019), na metodologia da escrevivência (Evaristo, 2017) e na importância do pensamento coletivo (Cusicanqui, 2014; Paredes, 2020). As autoras mencionadas foram elencadas para estes estudos e experimentações artísticas devido suas relevantes considerações a respeito da criação de novas linguagens e pelo entendimento da coletividade, como elementos de resistência e ações fundamentais para as possibilidades de transformações sociais

Por pedagogias feministas, entende-se ações teórico-práticas e político-educativas baseadas em princípios e ações fundamentadas na conscientização das opressões para a desconstrução e superação do sistema patriarcal. Tais práticas são baseadas na pluralidade, diversidade e interseccionalidade, visando a compreensão e compartilhamento de experiências e saberes múltiplos.

Para hooks:

A educação feminista [...] é e deve ser um espaço marcado por um sentido de luta, no qual há um reconhecimento visível da união entre teoria e prática e se trabalha conjuntamente, como professoras/es e alunas/os, para ultrapassar o estranhamento e alienação que vem-se tornando norma na universidade contemporânea. (hooks, 2019, p. 51).

Desse modo, as pedagogias feministas estão diretamente associadas à pedagogia crítica ou de resistência, ou ainda, a educação como prática da liberdade nos termos de Paulo Freire (2019), que neste contexto, implica pensar práticas pedagógicas que envolvam diretamente o questionamento dos sistemas de dominação. Para hooks (2019), para que se realize este processo de libertação, é preciso a criação de uma nova linguagem, pois é por meio desta, que os oprimidos encontram seu instrumento de luta, sua voz libertadora como uma forma de recuperar a si mesmo, “para reescrever, reconciliar e renovar”. Ao definir “autorrecuperação”, hooks (2019, p. 77) explica que “é um estado para o qual podemos regressar”. Trata-se do espaço de restauração dos oprimidos, dominados e desumanizados, o reencontro com o “eu completo”, anterior às condições de exploração.

Neste aspecto, conforme bell hooks e Paulo Freire (2019), a educação somente pode ser libertadora quando coletiva, na medida em que todos participem do processo, fazendo a reflexão acerca do mundo e da realidade baseados na experiência. Ainda para hooks (2017, p. 17), “[...] nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros”. O entusiasmo emerge do esforço coletivo, e a transformação revolucionária só se torna possível mediante o reconhecimento da “necessidade de radicalizar a consciência em conjunto com a resistência política coletiva” (2019, p. 79). Neste ponto de vista, para a autora, podem residir os moldes para a práxis de uma pedagogia feminista: na produção de uma nova linguagem para a autorrecuperação em processos fundamentalmente coletivos, baseados na experiência de mundo.

Para a compreensão da coletividade e experiência, Cecília Sardenberg (2007), nos aponta a importância de considerar o conhecimento produzido a partir do que é “local e contextual”, e daquilo que explicita um posicionamento social, histórico, cultural e político específico. Nesta perspectiva, as distinções entre esfera privada e pública mostram-se ilusórias, uma vez que “o pessoal é político”. Este pensamento inaugura, a partir dos movimentos sociais, a práxis baseada nas experiências e nas vivências de mulheres plurais, como uma nova epistemologia. Neste sentido, os movimentos feministas contribuem para a realização de outras formas possíveis de pensar, atuar e estar no mundo.

Esta experiência político-pessoal manifesta-se nas práticas de “Escrevivência” de Conceição Evaristo (2017), que por meio do jogo das palavras “escrever, viver, se ver”, utiliza da linguagem como espaço de luta e resistência. Através do escrever, a autora revela acontecimentos dolorosos de sujeitos coletivos em situação de violência social, tecendo uma biografia ancestral e nos explica:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos

desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p.30)

Para Evaristo (2017, n.p.): “Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas”. Embora valorize a experiência pessoal no processo criativo, a autora ressalta que a produção baseada na experiência individual deve integrar-se a um processo coletivo, pois compreende que, ao narrar a si, narra-se aos outros, e ao narrar os outros, narra-se a si.

Esta prática, das experiências que se expandem, da individualidade para a coletividade, também se manifesta no pensamento do “Feminismo Comunitário” de Julieta Paredes (2020), que emerge da memória ancestral da luta das mulheres dos povos originários e fundamenta-se no conceito de território-corpo. No pensamento da autora, o espaço não é de competitividade, mas de coletividade: Ou como explicita: “A ideia é que cada um seja profundamente individual [...] Mostre suas capacidades, seus sonhos, aquilo que somente cada um pode ser. [...] não para construir o individualismo, mas sim para fortalecer a comunidade” (Paredes, 2020, p. 296).

Paredes (2018) também reforça a importância da criação de uma nova linguagem. A autora indica que a própria escolha de nomear a luta das mulheres dos povos da Bolívia como “Feminismo Comunitário”, por meio da apropriação e ressignificação de palavras, constitui um posicionamento diante da opressão ocidental, operando na desconstrução das hierarquias hegemônicas através de uma disputa semântica anticolonial. Para Paredes, é necessário nomear e conceituar, tomar a palavra e fazer uso dela são atos revolucionários anticoloniais. Conforme nos explica:

Nós, do Feminismo Comunitário, não imitamos, nem só criticamos, convocamos e disputamos o campo semântico do feminismo ocidental e criamos conceitos que contribuem para nossos povos, porque entendemos que uma proposta, um pensamento, se não estiver vivo, se não responder e propor diante dos desafios do mundo de hoje, que é enfrentar um sistema desde diferentes lugares, será absorvido pelo próprio sistema e suas esperanças morrerão. (Paredes, 2018, p.83)

Compactuando com a mesma lógica anticolonial, a pesquisadora, também pertencente aos povos indígenas aymaras, Silvia Rivera Cusicanqui (2014), acredita na necessidade de reinscrever uma arena comum em nosso microespaço social a fim de praticar o “bom governo” e o “bem viver”. Tais práticas, entendidas como gestos micropolíticos de conhecimento corporal e territorial, estão intrinsecamente ligadas à busca da ancestralidade.

É fundamental, segundo Cusicanqui (2014), ter consciência do lugar, das relações que nos circundam e dos saberes locais, percebendo que existe uma gramática de ação na realidade. Em outras palavras, é preciso pensar com os pés na terra. Para a autora, se faz necessário uma autoconstrução a partir de uma ética que se transforma em estética, o pensar comum para o fazer comum.

Diante deste aporte teórico, foi possível apresentar brevemente o pensamento das autoras Sardenberg (2007), bell hooks (2019), Evaristo (2017), Paredes (2020) e Cusicanqui (2014), mirando especificamente no entendimento da experiência, da autorrecuperação, da escrevivência e da coletividade como elementos integrantes das pedagogias feministas, para pensar metodologias para a prática das artes visuais. É neste cenário que a Coletiva Terra Femini vai atuar: nas articulações entre arte e vida e na apropriação dos conceitos apresentados pelas autoras supracitadas. Neste campo da práxis feminista, as propostas metodológicas para os processos criativos em artes visuais vão sendo costuradas como possibilidades pedagógicas. No entendimento do corpo como território, como voz que potencializa a luta feminista, como videocorpo (o suporte para a criação coletiva de trabalhos artísticos), tornam-se uma arena comum de atuação e resistência coletiva.

## **A videoperformance como potência para a ressignificação das tecnologias, do corpo e da formação social**

No contexto da abordagem CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade que privilegia a construção do pensamento crítico e a compreensão das dimensões humanas, e não meramente instrumentais das tecnologias, a Teoria Crítica da Tecnologia de Andrew Feenberg (2004) concebe a técnica como um fenômeno social, histórico e político, que funciona, portanto, como instrumento de controle e poder. Nessa perspectiva, a preocupação central reside em refletir criticamente sobre os modos de apropriação e usos das tecnologias orientados aos processos de emancipação dos sujeitos, à democratização do conhecimento e à transformação social.

Inserida nas linguagens da Arte Contemporânea e, mais especificamente, no campo da Arte e Tecnologia, a videoarte pode se consolidar como uma prática baseada nos pressupostos da abordagem CTS, ao transcender a concepção instrumental do vídeo como mero suporte, transformando-o em meio de reflexão e investigação crítica. Nessa perspectiva, a tecnologia é compreendida como um fenômeno profundamente imbricado nas dimensões humanas, em suas dimensões históricas, políticas e culturais. A videoarte opera justamente a partir dessa lógica, utilizando a articulação criativa, experimental e conceitual entre o técnico e o estético para promover reflexões substantivas sobre a vida, em seus aspectos existenciais, subjetivos, cotidianos e sociais.

Em um estado estético de contaminação, desconstrução imagética e sonora, esta linguagem abre espaço para que artistas ressignifiquem a obra de arte tradicional, no que diz respeito ao suporte e técnicas, e também transformem os processos de mediações, que possibilitam a arte ser transmutada em vivências e experiências dos modos de ver, pensar e agir sobre o mundo. Desse modo, ao reconfigurar ativamente os usos e significados da tecnologia, a videoarte não apenas ilustra, mas se torna lugar de ação e luta. A potencialidade do audiovisual nas artes visuais reside em seus atravessamentos: nas observações sobre os modos de habitar em comunidade e coletividade, nas elaborações subjetivas de si, nas formas das atuações de como estar e permanecer no mundo, dentre outras relações que envolvem sujeitos presentificados em afetos feitos de tempo e espaço.

Neste cenário, a linguagem da videoperformance apresenta-se particularmente potente nesse contexto: corpo e dispositivo tecnológico convergem, transformando a ação mediada em processo, na própria essência da produção artística. Conforme explica a pesquisadora Sarzi-Ribeiro (2014, p. 108), neste tipo de produção “[...] corpo e máquina são explorados no limite da experimentação plástica de sua materialidade”. Esta fusão sinérgica pode servir tanto a apelos subjetivos quanto a questionamentos profundos sobre opressões impostas aos corpos, gerando discursos artísticos que se configuram como ações políticas.

A supracitada autora reflete sobre estas relações entre o vídeo e o corpo, cuja matéria sensível é o que confere à obra um “status de locus”, provocando, no artista, outros olhares e novas percepções que ressignificam sua identidade, sua biografia e seu ato criativo.

A autora explica:

Partimos da hipótese de que o vídeo ultrapassa a condição de dispositivo de registro e documentação da ação performática para se tornar, a partir de uma relação de sinergia com o corpo, um dispositivo performático – máquina para fazer ver e sentir a ação performática, prótese máquina que resulta em um híbrido videocorpo (Sarzi-Ribeiro, 2018, p. 103).

Para esta pesquisa, o conceito de videocorpo compreende um lugar de agenciamento dos sujeitos por meio das tecnologias, atuando na amplificação do espaço simbólico de luta e resistência feminista. A videoperformance, quando inserida nos valores da arte como mediação social, pode ser

um meio para a reapropriação e reafirmação de tais valores. Ao considerar que a linguagem do vídeo na arte pode constituir-se como espaço político e de resistência, na medida em que as imagens mediadas por tecnologias, especialmente aquelas produzidas a partir do corpo, integram discursos socialmente contextualizados.

Para colaborar com este pensamento, Nelson Maldonado-Torres (2017, p. 27-28) compreende as relações da arte como re-existência, como um modo de produzir mudanças nos sujeitos através da afirmação da vida, enquanto estado de afeto. Conforme o autor:

Afirmar a arte como território de re-existência seria, [...] uma forma não de substituir, mas de expandir a reivindicação pelo território e por uma corporalidade descolonizada. [...] é preciso reivindicar a arte como esfera de re-existência que pode ser concebida como território (de e para a descolonização) e que contribui na luta pelos territórios [...] (Maldonado-Torres, 2017, p. 27).

A re-existência envolve necessariamente as relações entre percepção, corpo e território, que são fundamentalmente o ponto de partida material e concreto para a existência humana, e portanto é por meio destes o lugar de reivindicação de re-existência. Para o autor, a arte deve ser entendida como um território, por conseguir ocupar um lugar que assume e transforma os significados das violências que os corpos e territórios sofrem.

Neste contexto, é possível afirmar que a linguagem do vídeo na arte pode ser encarada potencialmente como lugar político e de resistência, ao entender que as imagens mediadas pelas tecnologias, produzidas, em especial, a partir do uso do corpo podem fazer parte de um discurso inseridas em um contexto social, mediado por metodologias que incentivam a produção artística de forma autobiográfica coletiva, na afirmação e ressignificação de si, como parte de um processo para a construção de conhecimento e formação social feminista. Por meio da práxis das pedagogias feministas, a arte pode gerar possibilidades de criar novas maneiras de existir, sentir, pensar e atuar no mundo.

Desta forma, é possível colocar em prática as produções artísticas mediadas por metodologias conduzidas pelo viés das pedagogias feministas, que incentivam a criação artística autobiográfica e coletiva, visando colaborar com a afirmação e ressignificação de si, por meio da autorrecuperação e da escrevivência, como parte do processo de construção de conhecimento e formação social.

### **A coletiva Terra Femini: articulações entre Arte, Tecnologia e Feminismos**

A Coletiva Terra Femini, grupo de pesquisa que dedica-se à reflexão e produção artística desde 2018 no contexto das mediações sociais entre Arte, Tecnologia e Feminismos, vem desenvolvendo trabalhos em diversas linguagens, incluindo performances, videoperformances, videoarte, fotoperformances, videoinstalações, instalações interativas, intervenções espaciais e outras hibridações relacionadas às produções audiovisuais expandidas. Esta atuação configura-se como forma de levantar reflexões sobre o papel da arte e suas articulações com a sociedade, além de apontar as amplas possibilidades de apropriação cultural das tecnologias, compreendidas simultaneamente como produto e produtoras de novos comportamentos e sensibilidades.

A atuação da Coletiva caracteriza-se pela investigação das potencialidades das tecnologias digitais como ferramentas de mediação social e transformação cultural, a partir de perspectivas feministas interseccionais. As produções do grupo buscam tensionar as convencionais relações de poder estabelecidas pelas tecnologias, propondo usos alternativos que favoreçam a emergência de narrativas contra-hegemônicas e a valorização de corpos e subjetividades historicamente marginalizadas.

## Produções artísticas da coletiva Terra Femini: processos e metodologias

A trajetória da Coletiva Terra Femini materializa-se neste artigo através da apresentação de quatro produções artísticas que exemplificam as premissas teórico-metodológicas discutidas anteriormente. Estas obras, desenvolvidas coletivamente e realizadas a partir da lógica da práxis das pedagogias feministas, afirmam a potência da videoperformance como linguagem privilegiada para a ressignificação tecnológica, corporal e social. No âmbito da compreensão da arte como mediação social, a partir de perspectivas interseccionais de gênero, raça e classe, a linha de pesquisa em Arte, Tecnologia e Feminismo desenvolvida pelo grupo, promove ações artísticas coletivas entre mulheres plurais, com a finalidade de gerar espaços criativos de acolhimento, escuta, partilha de vivências, experiências e afetos produzindo socialidade e sociabilidade.

A metodologia empregada nestes processos pode ser sistematizada como um ecossistema dinâmico, representando um sistema vivo e em constante transformação que emerge das relações, organizado em dois níveis de interação: (1) Núcleo Relacional, no que diz respeito ao desenvolvimento no processo coletivo do grupo, onde se dá a circulação de afetos, saberes e experiências; e (2) Campo Expandido, que corresponde ao fluxo dos resultados com o ambiente social mais amplo, quando as proposições e ações da Coletiva são compartilhadas com a comunidade.

Sabendo que as atividades do grupo são baseadas em ciclos anuais, no primeiro nível, nas ações do Núcleo Relacional, o processo metodológico segue as seguintes etapas: a) Convite à participação: todo início de processo é realizado um momento de abertura do grupo para participação de mulheres da comunidade; b) Acolhimento e partilha de experiências: momento em que se estabelece a ideia de coletividade por meio da identificação de experiências vivenciadas individualmente; c) Aproximações da teoria feminista: estabelecidas por meio de leitura coletiva e debates de textos selecionados coletivamente; d) Partilha de Vivências: a observação da própria vida como lugar de reflexão a partir da teoria feminista; e) A escrita de si para a elaboração de uma autobiografia coletiva: produção de videoperformance, baseada no entendimento de escrevivências, por meio do videocorpo, como modo de gerar conexões entre o individual e o coletivo; f) Reflexões coletivas para a autorrecuperação: a utilização da própria obra como lugar de reelaboração e ressignificação de valores por meio das partilhas coletivas. Este processo pode ser melhor entendido por meio do gráfico apresentado abaixo (Figura 01):

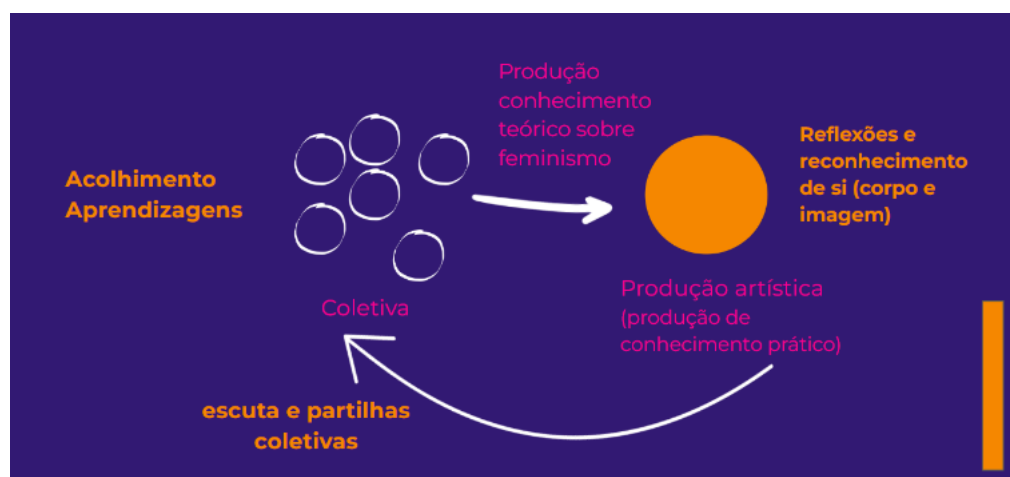


Figura 1. Sistematização Núcleo Relacional, primeiro nível, 2024.

Fonte: Da autora.

Já nas dimensões do segundo nível de interação do grupo, do Campo Expandido, a metodologia para os processos criativos da Coletiva podem ser sistematizados da seguinte forma: a) Apresentação das proposições artísticas ao público, de forma mediada, na intencionalidade de multiplicar o lugar de experiência e das reflexões a respeito da importância da práxis femista no cotidiano; b) Elaborações a respeito da recepção das obras, como mediação social, e c) retorno ao Núcleo Relacional, na abertura de um novo ciclo de experimentações e produções. Estas relações podem ser entendidas a partir do gráfico a seguir (Figura 02):

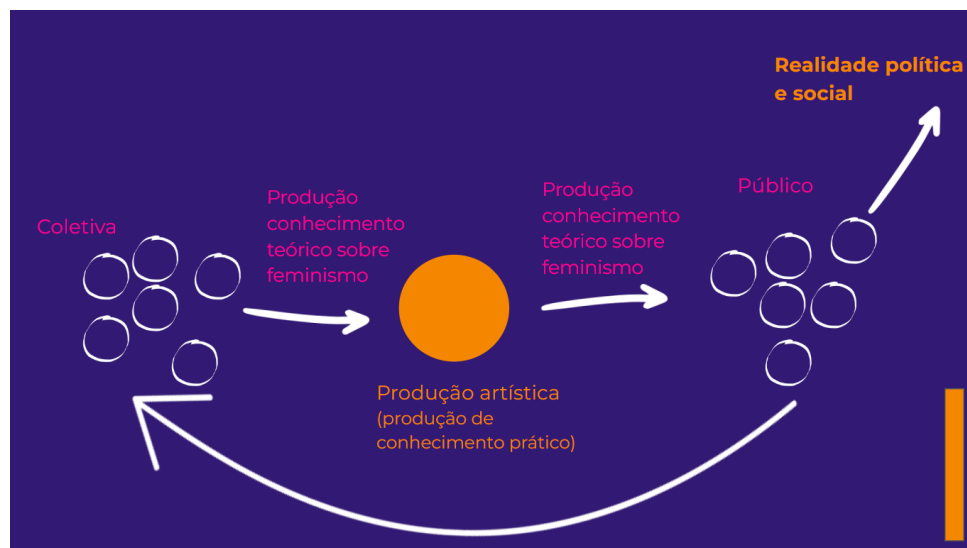


Figura 2. Sistematização Campo Expandido, segundo nível, 2024.  
Fonte: Da autora

O foco deste artigo está direcionado para a apresentação da sistematização do primeiro nível, das ações efetivadas no Núcleo Relacional, conforme descrito anteriormente. Neste cenário, as proposições artísticas da Coletiva apropriam-se metodologicamente dos conceitos de experiência de Cecília Sardenberg (2007), da autorrecuperação em bell hooks (2019), escrevivência de Conceição Evaristo (2017), e são realizadas, fundamentalmente, baseadas nas relações das experiências compartilhadas e dos afetos coletivos, pautados no pensamento de Julieta Paredes (2020) e Silvia Cusicanqui (2014). Para tal, destacam-se as produções: *Mulheres Luz* (2019), *Sob minha pele* (2020), *Páginas para estancar o sangue* (2024) e *Redoma de Vidro* (2025), que se constituem como escritas coletivas baseadas em narrativas autobiográficas. Estas obras visam promover reflexões e revelar as problemáticas das opressões vivenciadas cotidianamente por mulheres, simultaneamente evocando sentimentos de resiliência para a luta e resistência pela igualdade de gênero. Através delas, exaltam-se as vozes que desenvolvem consciência crítica para a decolonização dos corpos, dos pensamentos, das ações e dos saberes.

A performance *Mulheres Luz* constituiu-se em uma intervenção urbana, realizada no ano de 2019, como obra-acontecimento, que ocupou as ruas da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, estabelecendo diálogo crítico com o espaço público. A obra foi realizada a partir de um ato performático de mulheres cobertas por tecidos na cor violeta em transparência, som de batidas graves de tambor que, de forma solene e ritualística, caminharam juntas pela cidade em pleno silêncio. O conceito foi de rememorar e fazer presente, em estado de uma espécie de procissão, as muitas vidas perdidas pelo feminicídio. O ato pode ser visualizado por meio do registro fotográfico a seguir (Figura 03):



Figura 3. Coletiva Terra Femini, *Mulheres Luz*, performance, 2019.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esta arte performativa foi utilizada como laboratório de crítica social, proporcionando às participantes<sup>2</sup> reflexões coletivas sobre a desconstrução de identidades hegemônicas e a criação de consciência política. A obra buscou materializar o princípio feminista de que “o pessoal é político”, transformando a cidade em palco para manifestação social e denúncia. Na busca do entendimento da autorrecuperação, como desenvolvimento processual na elaboração dos conceitos da obra, por meio do ato de performar, a sua execução nos espaços públicos visou sensibilizar e conscientizar as diversas mulheres participantes sobre identidade e pertencimento, na valorização dos corpos plurais, na exaltação de suas vozes, bem como na colaboração da construção do sentimento de coletividade.

Posteriormente, o registro das ações da obra mencionada foi transformado em uma peça audiovisual, possibilitando sua ressignificação na linguagem da videoarte<sup>3</sup> (Figura 04).

<sup>2</sup> Nota das autoras (N.A): A obra foi produzida coletivamente por Venise Paschoal de Melo, Márcia Aparecida Albuquerque e o grupo MUD - Mulheres pela Democracia em Mato Grosso do Sul.

<sup>3</sup> N.A: A obra *Mulheres Luz*, em sua versão transposta para a linguagem da videoarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LRELAT21rLs&list=PLd0SePk7-wjzwBlqaPVJUPPyha27DRXb&index=3>. Acesso em: 25 nov. 2025.



Figura 4. Coletiva Terra Femini, *Mulheres Luz*, videoarte, 2020.  
Fonte: acervo pessoal da autora.

Em contraponto à ocupação física do espaço público da obra anterior, a videoperformance produzida no ano de 2020, intitulada *Sob Minha Pele*, emergiu como resposta criativa ao confinamento durante a pandemia de COVID-19. Esta obra explora as dimensões do isolamento e da clausura através de narrativa visual que investiga as camadas simbólicas da pele como território de memória, resistência e re-existência. A obra foi realizada a partir da junção de diversas videoperformances, visando estabelecer reflexões simbólicas a respeito das opressões de gênero.

Para o processo, foi criado um texto poético, utilizado como elemento disparador para a criação da obra, resultando em uma interpretação imagética coletiva, também utilizada na edição do audiovisual como elemento que une as partes filmicas. A produção, metaforicamente, pretendeu elaborar as relações da práxis feminista estabelecidas pela seguinte trajetória: 1) Relatos de experiência sobre as opressões de gênero; 2) Estudos da teoria feminista; 3) Reconhecimento do corpo individual; 4) Resignificação de si e 5) Transformação coletiva. Nesta configuração, a produção foi estruturada em dois atos, que representam, respectivamente, a opressão e a liberdade. Alguns quadros do audiovisual podem ser vistos na figura 05<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> N.A: A obra *Sob minha pele* foi produzida por Venise Paschoal de Melo, Márcia Aparecida Albuquerque, Agatha Scaff, Janice Andrade, Siana Subtil e Vera Penzo. Disponível em:



Figura 5. Coletiva Terra Femini, *Sob minha pele*, videoperformance, 2020.  
Fonte: acervo pessoal da autora.

Esta produção, desenvolvida remotamente, demonstra a capacidade de adaptação das práticas artísticas feministas em contextos de restrição, mantendo o compromisso com a criação coletiva em condições adversas como forma de resiliência. A obra propõe, por meio da escrita fílmica, como escrevivências, reflexões individuais e coletivas sobre as construções e reconstruções críticas de olhares a respeito do lugar das mulheres na sociedade contemporânea, abordando de modo sensível, as subjetividades, as violências estruturais, assim como as estratégias de sobrevivência.

Já a videoperformance intitulada *Páginas para Estancar o Sangue*, produzida em 2024, aprofunda a investigação sobre a linguagem como instrumento de autorrecuperação, ressignificação de si e denúncia sobre as violências de gênero. Através de poética visual que articula a escrita de si, corpo e imagem, a obra tensiona as fronteiras entre as palavras luto e luta, propondo narrativas que confrontam as violências históricas contra os corpos das mulheres, em um sentido interseccional. Nesta proposição, foram produzidos diversos fragmentos de vídeos, sons e grafismos, que dispostos em sobreposições, pretendem representar a diversidade e pluralidade dos corpos e vozes. Na exaltação da poética do fluxo de consciência, há a demonstração do direito à fala, da partilha e da

---

<https://www.youtube.com/watch?v=uWBrBrpV20&list=PLd0SePk7-wjzwBlqaPVJUPPyha27DRXb&index=1>.

Acesso em: 25 nov. 2025.

escuta. Na representação estética, a indignação coletiva associa-se à imagem de livros e páginas, que farfalham diante da câmera, metáfora de um encontro com o conhecimento, cujo ato de virar, ler e ressoar geram as possibilidades das ressignificações de si para impulsionar as transformações sociais. A figura 06<sup>5</sup> apresenta partes do trabalho:



Figura 6. Coletiva Terra Femini, *Páginas para Estancar o Sangue*, videoperformance, 2024. Fonte: acervo pessoal da autora.

---

<sup>5</sup> N.A.: A obra *Páginas para Estancar o Sangue* foi produzida por Venise Melo, Verônica Lindquist, Márcia Aparecida Albuquerque e Agatha Scaff. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aR5u\\_X1COUA](https://www.youtube.com/watch?v=aR5u_X1COUA). Acesso em: 25 nov. 2025.

Esta produção exemplifica a metodologia da escrevivência aplicada à escrita fílmica, onde as experiências individuais convertem-se em testemunhos coletivos. Para pensar as circunstâncias do machismo e do racismo como constituição irracional de um bestiário patriarcal, herança do passado colonial, a videoarte apresenta-se como denúncia das formas de violência e opressão contra mulheres, produzindo voz e consciência para descolonizar corpo, ser e pensamento.

Completa este conjunto de obras, a videoperformance *Redoma de Vidro*<sup>6</sup>, criada no ano de 2025, que explora metaforicamente as estruturas de vigilância, manipulação e controle social dos corpos. Através de imagens que evocam simultaneamente fuga e aprisionamento, a obra questiona a normatização que opera sobre o comportamento dos corpos das mulheres, propondo reflexões sobre as possibilidades de ruptura das redomas invisíveis. A proposta estabelece diálogo com a obra literária de mesmo nome *A Redoma de Vidro* de Sylvia Plath (2019), conectando vozes poéticas através de imagem e som. Abaixo a obra pode ser vista por meio da figura 07:



Figura 7. Coletiva Terra Femini, *Redoma de Vidro*, videoperformance, 2024. Fonte: acervo pessoal da autora.

<sup>6</sup> N.A: A videoperformance *Redoma de Vidro* foi produzida por Venise Melo, Verônica Lindquist, Agatha Scaff e Nayara Correa. Disponível em: <https://youtu.be/t7SevoIEIG8>. Acesso em: 25 nov. 2025.

Materializada como videoinstalação (figura 08), a obra apresenta um holograma que paira no interior de uma redoma de vidro, por onde múltiplas vozes, sons e imagens distorcidas, evocam, na dissolução e na imaterialidade da imagem, a existência e re-existência dos corpos.

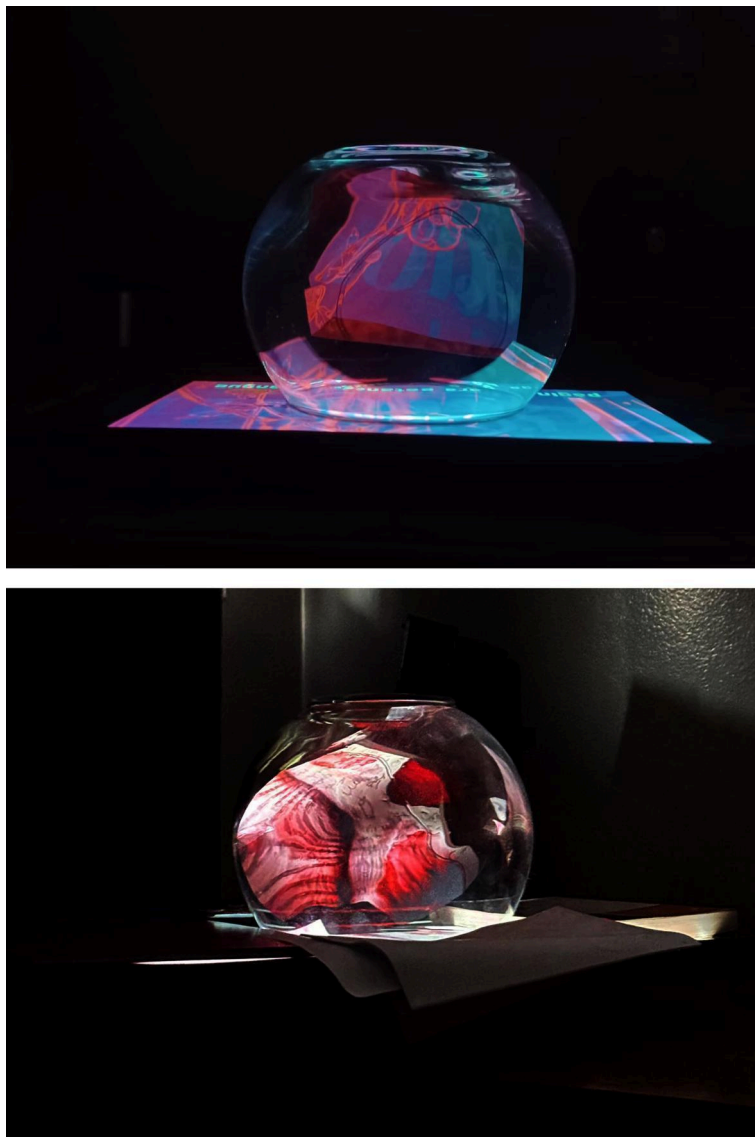


Figura 8. Coletiva Terra Femini, *Redoma de Vidro*, videoinstalação, 2024. Fonte: acervo pessoal da autora.

Deste intercâmbio entre artes visuais e literatura, emergem reflexões sobre aspectos simbólicos da narrativa de Plath (2019) e vivências de mulheres, destacando a escrita de si como espaço onde experiências que florescem na intersecção entre ficcional, pessoal e coletivo.

Estas quatro produções mencionadas compartilham um eixo comum: foram concebidas a partir da coletividade entre mulheres plurais, por meio de encontros para estudos da teoria feminista, na realização da escuta e do acolhimento das experiências pessoais, no processo individual e coletivo da escrita de si, por meio das escrevivências fílmicas, visando na investigação do corpo como território político e na tecnologia do vídeo como meio de ressignificação, a busca da autorrecuperação.

## Conclusão

Desta forma, a metodologia de criação, que articula a produção de linguagem em coletividade, permitiu que essas obras explorassem experiências pessoais plurais por meio de narrativas comuns, efetivando os princípios das pedagogias feministas aqui propostas: a relevância das experiências e do entendimento do pensamento “o pessoal é político” em Cecília Sardenberg (2007), escrevivência individual e coletiva em Conceição Evaristo (2017), o testemunho político compartilhado, que exemplifica o princípio da autorrecuperação proposto por hooks (2019), onde o processo colaborativo se torna ato de resistência e re-existência (Maldonado-Torres, 2017). A coletividade, fundamento do Feminismo Comunitário de Paredes (2020), manifesta-se não apenas no processo de criação, mas na própria estrutura das obras, que constroem uma base para o que Cusicanqui (2014) denominou de “arena comum”, o lugar onde circulam os saberes e torna possível o viver em comum.

Assim, criam-se espaços de reflexão crítica sobre as construções sociais que moldam os corpos, comportamentos e as subjetividades das mulheres de modo interseccional na contemporaneidade, materializando os princípios das epistemologias feministas na produção do conhecimento artístico. No compartilhamento dessas vivências, também se materializa a educação como prática da liberdade, onde o pensamento crítico é construído através da escuta compartilhada, na observação da realidade, no reconhecimento da pluralidade de experiências, no acolhimento e na motivação transformadora em criar novos mundos possíveis por meio das artes visuais. E ainda, na apropriação crítica das tecnologias digitais nestes trabalhos evidencia o potencial descolonizador da produção audiovisual feminista, incorporando a abordagem CTS, proporcionando o uso emancipatório das técnicas. Ao subverter os usos convencionais dos dispositivos técnicos, em suporte criativo para a produção artística na linguagem da videoperformance, tornou-se possível demonstrar que as tecnologias podem transcender, ao subverter sua função reprodutora de estereótipos, para tornar-se meios de denúncia, reflexão, afirmação e autorrecuperação.

A experiência da Coletiva Terra Femini demonstra que as práticas artísticas fundamentadas na práxis das pedagogias feministas podem constituir importantes espaços de transformação social, onde a produção de conhecimento associada às produções artísticas se entrelaçam às ações políticas. A articulação entre arte, tecnologia e pedagogias feministas revela-se como caminho fértil para a construção de alternativas para o entendimento e superação das estruturas patriarcais e coloniais, abrindo possibilidades para a educação como prática da liberdade. Nesse contexto, podemos demonstrar que as sistematizações apresentadas, por meio das proposições artísticas da Coletiva Terra Femini, configuram-se em um ciclo contínuo e dialético de ações: as artes visuais constituem um espaço de produção de conhecimento sobre a práxis das pedagogias feministas, assim como estas possibilitam a elaboração de metodologias pedagógicas para a criação artística visual (figura 09).



Figura 9: Representação da dialética metodológica apresentada, 2024.  
Fonte: acervo pessoal da autora.

Diante do exposto, é possível esperar que, por meio da criação de novas metodologias e novas linguagens, a arte possa gerar possibilidades de criar novas maneiras de existir, sentir, pensar e atuar no mundo.

## Referências

- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax Vtxiwa: Uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. São Paulo: N-1 edições, 2021.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Conversations of the World IV/Conversas del Mundo IV*. Entrevista concedida a SANTOS, Boaventura de Sousa. Valle de las Animas (La Paz/Bolívia), 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xjgHfSrLnpU> - Acesso em: 04 de jan. 2023.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. pp.26-46
- FEENBERG, Andrew. *Teoria Crítica da tecnologia*. Tradução Colóquio Internacional "Teoria Crítica e Educação". Piracicaba: Unimep, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.
- hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- MALDONADO-TORRES, N. El arte como territorio de re-existencia: una aproximación decolonial. In: Iberoamérica Social: *Revista-Red de Estudios Sociales VIII* , pp. 26 - 28. 2017.
- PAREDES, Julieta. Descolonizar las luchas: la propuesta del feminismo comunitario, In: *Revista Mandrágora*, v. 24, n. 2, pp. 145-160, 2018.

- PAREDES, Julieta. Hacia la Comunidad, Siempre: Os Caminhos do Feminismo Comunitário. Entrevista concedida a CHAVES, Kena Azevedo. *Revista Latino Americana de Geografia e Género*, v. 11, n. 1, p. 286, 2020.
- PLATH, Sylvia. *A redoma de vidro*. Tradução de Ana Cristina César. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.
- SARDENBERG, Cecilia M. B. e COSTA, Ana Alice. Feminismos, Feministas e Movimentos Sociais. In: BRANDÃO, Margarida e BINGHEMER, M. Clara (orgs.), *Mulher e Relações de Género*. São Paulo: Ed. Loyola, 1994, pp.81-114.
- SARDENBERG, Cecília. *Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?* Labrys. Estudos Feministas (Online), v. 11, p. 45, 2007.
- SARDENBERG, C. Considerações introdutórias às pedagogias feministas. In: COSTA, A.; RODRIGUES, A. T.; VANIN, I. M. (org.). *Ensino e Género: perspectivas transversais*. Salvador: UFBA-NEIM, 2011. pp. 17-32.
- SARZI-RIBEIRO, Regilene. O corpo no vídeo e o corpo do vídeo: diálogos estéticos, arte eletrônica. In: *Revista Poiésis*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 105-114, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/24349>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- SARZI-RIBEIRO, Regilene. O dispositivo videográfico e as narrativas de si mesmo e do outro: videocorpo. In: *Revista Palíndromo*, v.10, nº 21, pp. 101-115 julho de 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/12632/8541>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.